

RESUMO

Este artigo, após refutar a idéia tácita da efemeridade nos estudos fonológicos sobre as vogais, apresenta um vislumbre do desenvolvimento exaustivo do alfabeto projetando o estabelecimento da relação representativa entre a escrita e a fala. A seguir, declinam-se particularidades referentes a essa representação extensiva aos dífonos e dígrafos. O artigo discute também a etimologia da letra “H” concluindo que, mesmo em temas supostamente simples, há campo de pesquisa científica suficiente para desanuviar a neblina dos condicionamentos pedagógicos descortinando novas realidades e conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: alfabeto, vogais, origem do “H”, letra, fonema.

O PAPEL DA LETRA “H” NO ALFABETO BRASILEIRO E A TRAJETÓRIA CRONOLÓGICA DA FORMAÇÃO DA VOGAL “A”

Reginaldo Nascimento Neto*

ABSTRACT

This article, after refuting the tacit idea of ephemerality in the phonological studies of vowels, portrays a glimpse of the alphabet exhaustive development focusing the establishment of the representative relation between script and speech. In the following step, it shows particularities regarding to that representation which achieves the diphones and digraphs. Then, it issues the letter “H” etymology, concluding that even in the supposedly simple subjects, there is an useful field for scientific research that will clear up the mist of pedagogical conditionings, unveiling new profitable realities and knowledges.

KEY WORDS: alphabet, vowels, “H” origin, letter, phoneme.

* Pós-graduando na Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste)/Campus de Cascavel.
E-mail: nadynhu@bol.com.br

Quantas são as vogais? Uma resposta impulsiva sugere que essa questão seja trivial e apropriada só ao ensino básico. Porém, declarar precipitadamente que as vogais são cinco revela inércia analítica, o que conduz à reprodução de “verdades” inculcadas como absolutas na fase educacional elementar e consideradas indelévels mesmo entre acadêmicos.

Para refutar a idéia tácita de assunto simplório, evocam-se as palavras de Joaquim Mattoso Câmara Júnior (2005, p. 39): “Em referência às vogais, a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita”.

Conforme a descrição de Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 89), “Vogais são fonemas produzidos pelas vibrações da glote, e que passam pela boca sem encontrar obstáculo”.

Os arqueólogos Claude F. A. Schaeffer, G. Chenet e Virolleaud descobriram nas escavações de Ras esh Shamra sobre Ugarite, próximo ao mar Mediterrâneo, na costa da Síria, os tabletes de Ugarite datados do século XV a. C. Decifrados exhaustivamente pelos professores E. Dhorme, Dussand, Charles Virolleaud, Hans Bauer e Nougayrol, de História Antiga, esses tabletes revelaram as vinte e oito letras do alfabeto fenício, das quais vinte e seis eram consoantes. Semelhantemente ao fenício, o hebraico antigo não continha vogais em seu alfabeto. Isso gerava sérios equívocos na leitura como aconteceria também com o vocábulo “pnt” em Português. Destituído de vogais, ele poderia significar: aponta, aponte, aponto, panta, pante, panteão, penates, penta, pente, pinote, pinte, pinto, poenta, ponta, pontão, ponte, pontua e pontuo.

Os gregos sanaram as dificuldades de homonímia introduzindo no alfabeto, com a função de vogais, alguns símbolos fenícios convencionados. A palavra alfabeto tem sua gênese na justaposição das letras gregas α (alpha) e β (beta), oriundas dos pictogramas que representam respectivamente boi e casa. O símbolo fenício  ou  representava um *aleph* ou boi naquela língua. Em um processo denominado “acrofonia”, tomou-se essa marca pictórica para representar apenas o fonema inicial dessa iconografia. Estabelecido esse princípio protossilábico, as múltiplas possibilidades combinatórias dos fonogramas criaram condições favoráveis à percepção mais clara da leitura. Por exemplo, em Inglês, o desenho de uma abelha (*bee*) ao lado de uma folha de árvore (*leaf*) significaria crença, isto é, *belief*.

Com o tempo, o pictograma  inclinou-se 90 graus à direita e surgiu o “ α ” mantendo a representação do fonema [a], ou seja, o acrofone de *Aleph*. A cultura romana toma o “ α ” e extrai-lhe o chifre superior forjando sua própria letra designadora desse fonema: “a”. Note-se que até hoje, para representar o fonema [a], ainda se resgata o pictograma fenício *aleph*. Cada uma das letras do alfabeto grego, e conseqüentemente do romano, passou

por um longo processo de desenvolvimento a partir de signos semitas como descrito aqui.

David Diringer (1982, p. 73) assevera:

It was a long way from the primitive picture-writing to the alphabet. In the former there is no connection between the depicted symbol and the spoken name for it; the latter has become the graphic counterpart of speech. Indeed, each element (which may be any shape) in the phonetic writing corresponds to a specific element (i.e. sound) in the language to be represented, thus, a direct relationship has been established between the spoken language (i.e. speech) and the script, the latter being a representation of the former.¹

Foi um longo percurso desde os primitivos pictogramas até o alfabeto. Não havia, a princípio, ligação entre o símbolo desenhado e o termo sonoro a ele relacionado; o alfabeto, no entanto, tornou-se o complemento gráfico da fala. De fato, cada elemento (que pode ter qualquer forma) na escrita fonética corresponde a um elemento específico (fonema) na língua a ser representada. Assim, estabeleceu-se uma relação direta entre a língua falada (fala) e a escrita, sendo esta uma representação daquela. (Tradução nossa)

Uma letra pode vir a representar mais de um som, como nas palavras “táxi” e “sexo”. O “X” é sonorizado como “[ks]” e recebe o nome de dífono. O oposto também pode ocorrer, isto é, o dígrafo, reunião de duas letras, tais como “ch”, “gu”, “lh”, “qu”, “en”.

Certas letras gregas simples foram adaptadas para o Latim como dígrafos:

(φ = ph); (θ = th); (ρ = rh); (χ = ch); (ψ = ps) e (ξ = ks).

Diante dos cenários mencionados, chega-se à ilação de que a letra tem sido, no decorrer do tempo, uma representação gráfica do fonema; portanto “a”, “e”, “i”, “o”, “u” não são vogais. Elas são cinco letras que representam as doze vogais, isto é, fonemas de emissão desobstruída. Quanto à ressonância, Coutinho (1976) classifica-as em:

1. vogais silábicas (7): [a], [ê], [é], [i], [ô], [ó], [u];
2. vogais nasais (5): [ã], [ê], [i], [ô], [ũ].

Observe como as doze vogais se fazem presentes nas seguintes palavras: **agora, anjo, ele, ela, ensino, igreja, inveja, olho, Olga, onça, uva, unha.**

Em oposição às vogais, o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira apresenta as consoantes como fonemas resultantes do estreitamento

1 Tradução do autor.

ou fechamento em qualquer região acima da glote, que funciona como obstáculo à passagem da corrente de ar. Ou seja, as vogais são fonemas de passagem livre pelo aparelho fonador, enquanto as consoantes (com soantes, isto é, soam junto a) ecoam graças ao estreitamento da região supraglote em associação às vogais na formação da sílaba.

Até que entre em vigor o documento proposto em 1990 para a unificação das regras gramaticais entre os países membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e incorpore as letras “K”, “W” e “Y”, nosso alfabeto tem 23 letras; cinco (a, e, i, o, u) representam as doze vogais: [a], [ã], [ê], [é], [ẽ], [i], [í], [ô], [ó], [õ], [u], [ũ] e dezessete (b, c, d, f, g, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z) representam as dezenove consoantes: /p/; /b/; /m/; /f/; /v/; /t/; /d/; /s/; /z/; /l/; /r/; /n/; /x/; /j/; /ẽ/; /ñ/; /k/; /g/; /R/.

Perceber-se-á que a letra “H” não representa nem uma vogal, nem uma consoante, pois ela é um vestígio etimológico do sinal gráfico grego chamado Espírito Forte. Sua aparência e dimensões eram semelhantes a um “c” sobrescrito ligeiramente esguio ^(c) cuja função era determinar a aspiração gutural das vogais iniciais de algumas palavras. Essa letra não desapareceu em muitas palavras da língua inglesa, como *hacker, hammer, hand, hair, half, happy, heart, help, home, husband, honest, horse, hunter, hydrogen*, e em tantas outras, porém, em Português, é apenas uma letra muda.

Note-se que a letra “h” na palavra “homem” evidencia sua descendência do vocábulo grego “ἄνθρωπος” presente como radical das palavras antropologia, antropofagia, antropóide, etc.

Em suma, no intento de auxiliar a melhor compreensão de que as vogais são doze fonemas representados por cinco letras, e que a letra “H” na língua portuguesa é apenas um vestígio etimológico mudo não pertinente à classe das vogais nem das consoantes, este artigo destacou a origem, bem como a inserção e o desenvolvimento paulatino dos sinais vocálicos no alfabeto. A falta de vogais gerava sérios equívocos advindos da homonímia lexical, os quais foram sanados pelos gregos com a inclusão de sinais fenícios no alfabeto para a função de letras vocálicas. O termo “alfabeto”, por sinal, é oriundo da justaposição dos nomes das letras gregas “a” (alfa) e “b” (beta), respectivamente. Convém também ressaltar que, desde o período pictográfico da escrita, a diferença entre letra e fonema tinha sido percebida.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Carol. *The Roseta Stone*. London, UK: British Museum Press, 1994.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DIRINGER, David. *The Book Before Printing Ancient, Medieval and Oriental*. New York: Dover Publications, Inc., 1982.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário de Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HEALEY, John F. *The Early Alphabet*. London, UK: British Museum Press, 1993.
- NASCIMENTO NETO, Reginaldo. *The Interactive Synapse in English*. 3. ed. São Luis, 1993.
- ROGET, Peter. *The Everyman Roget's Thesaurus of English Words and Phrases*. Great Britain: Chancellor Press, 1952.
- WALKER, CBF. *Reading The Past Cuneiform*. 3th. Ed. London, UK: British Museum Press, 1993.
- _____. Disponível em: <<http://www.kfssystem.com.br/loubnan/fenicio.html>>. Acesso em: 24 abr. 2007.